

# EXPOSIÇÃO NASCENTE DA TRAMA E DO SOM

CENTRO CULTURAL DO CARIRI - SÉRVULO  
ESMERALDO

CURADORIA: BITU CASSUNDÉ, MARIA MACÊDO  
E ELIANA AMORIM



# MESTRA DONA DINHA

Raimunda Ana da Silva, mais conhecida como Dona Dinha, é uma mestra da tecelagem e artesã renomada na região do Cariri. Nascida em dezembro de 1950 e criada no município de Nova Olinda, Dinha aprendeu a tecer aos 12 anos de idade observando suas irmãs mais velhas.



## NASCENTE DA TRAMA E DO SOM

Dedos rodeados de anéis metálicos tracejam a gume de faca a lisura da madeira, para dali fecundar o embrião da música. Outras mãos, quentes, acolhem agulhas para com elas rememorar lugares e histórias da infância. Espichar o couro dos tambores, encaixar “a alma” que faz vibrar o som do instrumento de maneira harmoniosa e escrever histórias com linhas são poéticas e saberes de uma experiência de mundo profundamente conectada com o território e suas particularidades. Com as mãos, as poesias da vida são tocadas para oferecer tramas e sons.

Nas danças da memória e da reinvenção através do tempo, essa Nascente reúne um conjunto de mestras e mestres que se conectam pelas manualidades como forma de moldar as territorialidades e ancestralidades do Cariri Cearense. As paisagens desenhadas por agulhas e espinhos nos bordados e rendas, bem como o entalhe das madeiras no primoroso trabalho de lutheria, guardam a memória de caminhos que constituem esse chão originário. O nascedouro das águas e árvores como o buriti, o jenipapo, a timbaúba e a umburana, sendo mães que alimentam, geram poderes curativos e artesanias de primeira grandeza para aqueles e aquelas que conhecem o segredo da terra e tecem com primazia histórias não capturadas pela escrita.

Nas danças da memória e da reinvenção através do tempo, essa Nascente reúne um conjunto de mestras e mestres que se conectam pelas manualidades como forma de moldar as territorialidades e ancestralidades do Cariri Cearense. As paisagens desenhadas por agulhas e espinhos nos bordados e rendas, bem como o entalhe das madeiras no primoroso trabalho de lutheria, guardam a memória de caminhos que constituem esse chão originário. O nascedouro das águas e árvores como o buriti, o jenipapo, a timbaúba e a umburana, sendo mães que alimentam, geram poderes curativos e artesanias de primeira grandeza para aqueles e aquelas que conhecem o segredo da terra e tecem com primazia histórias não capturadas pela escrita.

Pelos cheiros, rastros e texturas de tempos antigos, as obras expostas ressoam o conhecimento e a sensibilidade integrantes da pluralidade cultural de uma região abraçada pela Chapada do Araripe, onde os mestres e mestras são troncos fortes que compõem esse ecossistema. Como em um fluxo contínuo que vibra criação, memória e território, a exposição propõe uma interpretação das histórias manuais do Cariri, abrindo espaço para uma movência onde essas existências se façam presentes e pulsantes.

Nesse sentido, a gerência de Patrimônio Cultural e Memória do Centro Cultural do Cariri, sob o viés de vislumbrar ancestralidades a partir das manualidades, entrelaçadas na arte e vida neste território, propõe a exposição como um convite à conexão: o enlace entre a lutheria e as artes têxteis como possibilidade de relacionar seus imaginários, memórias e sensibilidades, parte desse reflorestamento que compreende seus seres com suas ciências, tradições e subjetividades. Com isso, Nascente esculpe e tece uma paisagem a partir da qual se possa imaginar um presente vivo e um futuro ancestral.

## MESTRA DINHA, DAS TRAMAS E REDES COLORIDAS

Na subida de uma rua íngreme de calçamento de pedras e com cabras descansando à sombra das casas da vizinhança. Ao longe, uma casinha amarela e verde, de calçada alta e muito bem varrida, se encontra em sua parede bem pintada uma placa dizendo: aqui se guarda a memória de um saber adquirido com muito encanto. Essa é a casa 09 da Rua São Francisco de Assis que guarda as lembranças de um ofício orgulhosamente mantido por Raimunda Ana da Silva, a Dona Dinha das redes coloridas e duradouras da Vila Alta em Nova Olinda.

No dia 30 de dezembro de 1950, Dona Dinha foi a quinta filha a nascer de Luis Liberalino da Silva e de Ana Antônia de Oliveira. Criada com oito irmãos que dividiram o labor da roça com o tecer das redes.

As mulheres e a mãe cuidavam do governo do órgão, pente, queixa, braço, liço, pisadeira, carretel e caneleiro do único tear da casa que era regido com aptidão pela irmã mais velha, Maria Viana. Como numa dança, o tear manual era movimentado com os braços e os pés no quintal da casa. Para iniciar a produção era necessário urdir as linhas, colocá-las no tear para tecer lindas e firmes tramas coloridas. Costurar as tramas, passar o mamucabo, empunhar e pregar a varanda eram dentro de casa. Esse ritmo de trabalho ainda é religiosamente seguido por Dinha.

A rotina dos trançados da casa de sua mãe também era a rotina das famílias vizinhas. Ao total eram seis teares em produção na sua rua, um verdadeiro território do saber para uma criança como Dinha. De todas as fases de produção, a que mais lhe encantava era o tear que sua irmã dominava. Aguardou resiliente uma oportunidade para experimentar e aos 12 anos aprendeu sozinha, observando, os trançados no tear velho que fora substituído por um novo pela família.

Com esse mesmo tear manual, Dona Dinha se tornou uma fábrica de redes em uma só pessoa. É a única de seus irmãos a manter o trabalho que até hoje executa com muita maestria acarinhando e embalando adultos e crianças no balançar de suas redes. Dona Dinha engrandece a potência das vontades que moram dentro da gente quando assumimos ser felizes com o que escolhemos. Tecer é a forma concreta da trajetória de sua vida. São os movimentos herdados em seu corpo, que afirmam seu reconhecimento como Mestre Dinha, das tramas e redes coloridas.

**Fabiana Barbosa**  
Assessora Executiva do Centro Cultural do Cariri





